



**GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

**ISSN 2177-3688**

**CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE ARQUIVISTAS NORDESTINOS E AS INTERFERÊNCIAS NAS AÇÕES MEDIADORAS**

***IDENTITY CONSTITUTION OF NORTHEAST ARCHIVISTS AND INTERFERENCES IN MEDIATING ACTIONS***

**Ana Claudia Medeiros de Sousa** - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Raquel do Rosário Santos** - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Objetivo: Esta pesquisa teve como objetivo evidenciar os traços identitários de arquivistas que atuam na Região Nordeste do Brasil e como sua constituição enquanto ser sociocultural interfere nas atividades mediadoras. Metodologia: Caracteriza-se como estudo descritivo, de natureza qualitativa, em que foi utilizada a técnica de aplicação de questionário junto aos arquivistas vinculados a Associação de Arquivistas da Bahia e a Associação de Arquivistas da Paraíba. Resultados: Identificou-se que alguns arquivistas vêm atuando de maneira consciente, a fim de favorecer o acesso à informação que infere no desenvolvimento sociocultural dos usuários. Conclusões: Constatou-se a necessidade dos arquivistas atuarem a favor da liberdade dos sujeitos, da existência significativa e interferência desses no mundo, tendo a opção de construir sua história de vida e compartilhar esse processo com o coletivo.

**Palavras-chave:** mediação cultural; mediação da informação; identidade; arquivistas.

**Abstract:** Objective: This research aimed to highlight the identity traits of archivists who work in the Northeast of Brazil and how their constitution as a sociocultural being interferes in mediating activities. Methodology: It is characterized as a descriptive study, of a qualitative nature, in which the technique of applying a questionnaire was used with archivists linked to the Associação de Arquivistas da Bahia and Associação de Arquivistas da Paraíba. Results: it was identified that some archivists have been acting consciously, in order to favor access to information that infers in the sociocultural development of users. Conclusions: There was also a need for archivists to act in favor of the subjects' freedom, their meaningful existence and interference in the world, having the option of building their life history and sharing this process with the collective.

**Keywords:** cultural mediation; information mediation; identity; archivists.

## **1 INTRODUÇÃO**

Ao atuar na perspectiva da apropriação da informação, os arquivistas devem pautar seu agir na identificação da singularidade dos sujeitos e considerar seus traços identitários, de modo a favorecer que esses passem a atribuir sentido e (re)conhecer o pertencimento que os vinculam aos registros que compõem os documentos e o ambiente informacional. Dessa

maneira, as atividades de mediação da informação e mediação cultural realizadas conscientemente, contribuem para que arquivistas possam descortinar para a comunidade usuária os valores simbólicos que estão materializados nos itens documentais e, com isso, subsidiar uma aproximação desses sujeitos com os dispositivos que podem transparecer vestígios de sua identidade, como também, de outros grupos formadores da sociedade, de maneira que favoreça o alcance da alteridade a partir do ‘contato’ com o diferente.

Nessa conjuntura, traçou-se como objetivo deste estudo evidenciar os traços identitários de arquivistas que atuam na Região Nordeste do Brasil e como sua constituição enquanto ser sociocultural interfere nas atividades mediadoras. Para tanto, foi utilizada a técnica de aplicação de questionário junto aos arquivistas vinculados a Associação de Arquivistas da Bahia e Associação de Arquivistas da Paraíba. Após o processo de coleta de dados, os resultados foram analisados segundo a abordagem qualitativa, à luz da literatura.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA**

Os diversos sujeitos sociais produzem e consomem informações cotidianamente, de maneira a registrar em diversificados dispositivos mediadores suas práticas que, nesta pesquisa, são entendidas como indícios de cultura, e ao serem mediados de maneira consciente podem transparecer a constituição identitária e, conseqüentemente, evocar a memória de seus produtores. Apesar da complexidade que atravessa a dinâmica cultural, “[...] existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la [...]”, onde o processo investigativo pode alcançar vestígios imperceptíveis para a maioria, conforme defende Ginzburg (1986, p. 177), ao apresentar a concepção de paradigma indiciário.

Sobre identidade Cucho (1999, p. 192) defende que, “Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, ‘pura’, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social”. Com base nessa reflexão, fica evidente que a identidade é movente, uma vez que ela é constituída no âmbito da ‘complexidade do social’, em que os sujeitos interagem constantemente em diversos espaços e exercem diferentes funções, de maneira que seus traços como gênero, cor, classe social, crença, ideologias, ocupação profissional, relação familiar, entre outros aspectos, influenciarão na constituição da identidade de cada ser.

Ao refletir sobre a identidade ser indissociável da memória, Pollak (1992, p. 212) defende a memória como um “[...] elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Neste ponto é válido citar a relevância dos dispositivos de mediação da informação e da cultura – como os arquivos - na salvaguarda e difusão dos documentos carregados de vestígios de memória. Assim, a mediação cultural pode ser entendida como uma ação consciente que busca favorecer aos diversos sujeitos um processo de (re)conhecimento da constituição identitária e memorialística que fortalece a compreensão dos sujeitos sobre seu lugar e sua interferência no mundo, subsidiando, em alguns casos, a ‘reconstrução de si’.

Nesse sentido, Lima e Perrotti (2016, p. 169) refletem que “[...] o mediador cultural pode ser entendido como o articulador entre os bens culturais – saberes e objetos simbólicos – e um indivíduo, um grupo ou uma coletividade, por meio de dispositivos ou recursos instrumentais para acesso e apropriação desses bens”. A interferência do agente mediador no processo de apropriação cultural – entendendo esse termo como o processo de transparecer e auxiliar os sujeitos a entenderem sua constituição identitária e associá-la ao coletivo - pode se realizar por meio da adoção de diversos dispositivos informacionais, a exemplo, de fotografias, atas, certidões etc. em que os vestígios de memória estão materializados. Os dispositivos informacionais, por meio das atividades de mediação cultural, podem apoiar os sujeitos a reconhecerem e distinguirem as características desse meio, em um processo de atribuição de sentidos a pluralidade e a diversidade que integra o contexto sociocultural, baseado pelo viés da alteridade.

No processo de mediação cultural, além dos dispositivos informacionais, que registram vestígios de memória e identidade dos povos, relacionando-se a um tempo e lugar, evidenciando práticas culturais, também deve-se favorecer o acesso aos bens culturais intangíveis e aos saberes por meio das ‘fontes vivas’, reverenciando o conhecimento e as práticas culturais dos diversos grupos que podem não ser transparecidos em dispositivos tangíveis. Esse processo favorece que o agente mediador cultural contribua com o fortalecimento e a ampliação dos repertórios humanos, (re)existindo as tentativas de invisibilidade que grupos hegemônicos tentam impor. Portanto, os arquivistas, como agentes mediadores que atuam nos espaços socioculturais com os diversos sujeitos, podem reivindicar

o (re)conhecimento de saberes, o direito de compartilhar as histórias que entrecruzam as memórias e a constituição identitária dos diferentes grupos sociais, em um conjunto de atos de luta pela liberdade.

Para tanto, é preciso que o agente mediador atue de maneira consciente e, com isso, esteja atento aos traços que são característicos dos usuários, contemplando as individualidades que esses possuem, como também, considerando que tais traços são moventes. Perrotti (2017, p. 15), ao debater sobre protagonismo, defende-o como “[...] uma dimensão existencial inextricável. Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos”. Sendo a liberdade uma conquista, portanto, alcançada por meio de um processo, entende-se que quando o agente mediador possibilita aos usuários se reconhecerem e se apropriarem de dispositivos informacionais, favorece que esses possam alcançar um agir protagonista, ao (re)significar seu lugar de pertencimento e refletir sobre os conflitos que permeiam as esferas sociais.

Ao atuarem com o coletivo, por uma existência livre de barreiras culturalmente impostas, os arquivistas e demais mediadores culturais podem alcançar o protagonismo cultural. Sobre a mediação cultural, Perrotti (2016, p. 13) a entende como uma ação que

[...] emerge na contemporaneidade como formulação teórica e metodológica inscrita, portanto, num quadro que reconhece os conflitos, ao mesmo tempo que a necessidade de estabelecimento de elos que viabilizem diálogos necessários à geração de ordens culturais mais democráticas e plurais.

Na perspectiva da mediação cultural, o arquivista pode favorecer que o sujeito tenha acesso à itens documentais, que em alguns casos se depara com ‘conflitos’ de valores simbólicos que requer dele um agir pautado na dialogia, em que diferentes vozes possam se sentir representadas, tornando assim, a ação mediadora democrática e plural. Alinhado a essa reflexão, Santos e Sousa (2022, p. 3) enfatizam que “[...] o mediador cultural pode favorecer que as vozes, que não são novas, mas foram historicamente invisibilizadas, possam alcançar ressonância, ampliando para além do contexto que foram produzidas [...]”. Ao compreender que a mediação cultural se inter-relaciona a mediação da informação, visto que para alcançar um entendimento do mundo, das práticas culturais, torna-se essencial evidenciar traços da constituição identitária e memorialística de si e do outro, essa compreensão se articula as informações advindas das práticas dos diversos territórios que os sujeitos integram.

Nesse processo de entendimento que, os dispositivos informacionais constituem-se como evidências de um tempo, território e cultura, a mediação cultural opera pautada em informações que são instâncias de transformação e de esforço de agentes mediadores da informação que as selecionam, organizam, preservam, disseminam e possibilitam a circulação em um ato de potencializar o acesso a essas informações e que fundamentam o alcance da apropriação e respostas às demandas socioculturais. Assim, o mediador da informação, como os arquivistas, bibliotecários e museólogos, ao agirem conscientes de seu papel nos territórios e com o fortalecimento identitário dos diferentes povos, representados pelos usuários que adentram aos ambientes informacionais, podem atuar como mediadores e protagonistas culturais.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender o conceito de mediação da informação defendido por Almeida Júnior (2015, p. 15), para quem essa é

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais – direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Destaca-se que a mediação da informação é um processo, portanto, não se limita às atividades realizadas nos ambientes informacionais, mas ligam-se a essas em atos de interferências que visam a apropriação da informação pelos diversos usuários. Dessa maneira, ao pautar-se no conceito defendido por Almeida Júnior (2015), pode-se refletir sobre a necessidade do mediador da informação atuar com a pluralidade de sujeitos, buscando identificar a singularidade de suas características e modos de existirem no mundo.

Quem são esses sujeitos? Não só os títulos ou posições sociais que ocupam naquele espaço e momento. O que buscam? Não apenas as informações que respondem à necessidade momentânea. Nesse processo problematizador, os agentes mediadores podem prover o encontro com os diferentes sujeitos sociais que podem possuir cicatrizes decorrentes da tentativa de expressar-se e relutarem em movimentos que desejaram não silenciar-se, mas, continuam inaudíveis, desejosos por ações, como de agentes mediadores, da informação com o viés cultural, que possam compartilhar seus desejos, sonhos e expectativas, e encontrarem

na informação a instância transformadora de alcance da liberdade, de optarem por sua forma de (re)existirem nos espaços sociais.

Nessa perspectiva, como um referencial da Arquivologia, Bellotto (2006) convida a perceber as características necessárias que norteiam a atuação do arquivista, entre essas, a compreensão e a escuta aos sujeitos tornam-se essenciais para que esse mediador da informação alcance os objetivos de apoiar o acesso e a apropriação da informação.

E, como se tudo isso fosse pouco, fala-se, ainda, nas qualidades de adaptabilidade, pragmatismo, curiosidade intelectual, rigor, método, continuidade, capacidade de compreensão e escuta relativamente ao produtor, ao pesquisador e ao cidadão. A verdade é que o arquivista, ademais de toda essa qualificação de cunho pessoal, deverá ainda ser capacitado profissionalmente para intervir em toda a cadeia do tratamento documental, qualquer que seja o suporte. A respeitabilidade de que é revestida o seu trabalho virá da segurança com que atue no seu métier (BELLOTTO, [2006], p. 2).

Nesse processo dialógico, de escuta e atuação humanizadora, os arquivistas podem junto ao coletivo realizar lutas, em um processo de inclusão dos diferentes que integram a pluralidade sociocultural, constituindo os arquivos e demais ambientes informacionais como espaços de insurgência contra a desigualdade e a intolerância que tentam manter os diferentes sujeitos à margem da conquista pela liberdade. É necessário refletir sobre os arquivos, de maneira que seus produtos e serviços sejam alinhados às demandas informacionais, do passado, do presente e do futuro, mas também como dispositivos que auxiliam o alcance dos direitos e o exercício pleno da cidadania por todos que integram a sociedade.

É essa nossa missão: - assegurar a informação do futuro, nós somos o traço de união de duas épocas. Entretanto, a responsabilidade primeira do arquivista é para com o homem de nosso tempo. Tal responsabilidade se exerce não apenas com relação à Nação, ao Estado e à Administração, mas sobretudo ao cidadão, encarado como indivíduo que é (DUCHEIN, 1978, p. 31).

Com base nesse entendimento, defende-se que os arquivos podem ser (re)conhecidos como ambientes socioculturais que transparecem os traços identitários dos diversos sujeitos, em que esses podem compreender e problematizar os atos e os discursos que agem ou que interferem em sua constituição cultural e seu exercício da cidadania. Ao perceberem características de sua ancestralidade, dispositivos que resultaram de suas práticas culturais ou sociais, esses sujeitos podem compreender a busca dos mediadores da informação em

potencializarem a representatividade desses seus atos, em que suas ações podem desejar a (re)existência de si que, se associa com outros, em um processo de luta com o coletivo pelo direito de construir um sentimento de pertencimento dos ambientes informacionais, como os arquivos.

Santos e Sousa (2021, p.83) defendem que “[...] cada mediador(a) da informação carrega consigo a responsabilidade social de ver nos sujeitos uma possibilidade de ‘mudar o mundo’ e é por meio dessa crença que poderão transformar a si e ao outro”. O ato de acreditar que sua existência só alcança um sentido por meio de uma conduta não solitária, é um processo que se baseia na apropriação da informação, por meio da leitura crítica do mundo. A conduta de grupos dominantes deseja que os sujeitos acreditem na ação isolada, da imediatez e na mecanicidade do agir, em que a quantidade faz mais sentido do que a construção de saberes que se inicia na esfera intrapessoal. Rompendo-se com essa crença, fundamentados pelo viés da alteridade e da apropriação da informação, em um processo que se faz de desconstrução e reconstrução do ser, o arquivista, como agente mediador da informação e mediador da cultura, pode combater toda forma de imaginário que o mantém afastado de sua interferência consciente com o coletivo.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como descritivo que, segundo Gil (2002, p. 42) “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Tomando como base esse método, buscou-se descrever as características de profissionais vinculados à Associação dos Arquivistas da Bahia e à Associação dos Arquivistas da Paraíba, considerando que esses dois estados ofertam o curso de Arquivologia no Nordeste. A partir da compreensão das inter-relações da constituição identitária para o ato mediador da informação, traçou-se como objetivo deste estudo evidenciar os traços identitários de arquivistas que atuam na Região Nordeste do Brasil e como sua constituição enquanto ser sociocultural interfere nas atividades mediadoras.

Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a técnica de aplicação de questionário, sendo disponibilizado por meio da plataforma *Google Forms*, em que os responsáveis pelas referidas associações foram convidados a colaborar com a pesquisa enviando para os arquivistas associados. A partir de um contato, por *e-mail*, com as associações, apresentou-se a pesquisa,

buscou-se disponibilizar o questionário para esses enviarem aos associados, sendo esse processo realizado entre o período de 13 de abril e 2 de maio de 2023. Como resultado desta consulta foram obtidas 19 respostas, ou seja, a pesquisa contou com o total de 19 arquivistas vinculados à Associação dos Arquivistas da Bahia e à Associação dos Arquivistas da Paraíba.

Por considerar as diretrizes éticas que norteiam a pesquisa e com a finalidade de assegurar o sigilo da identificação pessoal dos(as) participantes foram utilizados códigos. Vale também ressaltar, que todos(as) os(as) participantes da pesquisa, concordaram, e manifestaram a aprovação, quanto a utilização de suas respostas neste, e em outros, trabalhos científicos.

O instrumento foi composto por 16 questões, sendo essas objetivas e discursivas. As questões foram distribuídas em três eixos, a saber: perfil do respondente; constituição identitária; e atividades mediadoras da informação e da cultura. Após o processo de coleta de dados, os resultados foram analisados à luz da literatura, segundo a abordagem qualitativa.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com o objetivo de evidenciar os traços identitários de arquivistas que atuam na Região Nordeste do Brasil e como sua constituição enquanto ser sociocultural interfere nas atividades mediadoras, por meio da trajetória investigativa que utilizou o questionário como instrumento de coleta de dados, foram obtidas 19 respostas. Para traçar um perfil mais vinculado às questões socioculturais desses arquivistas, foi investigado o território que eles estão inseridos, sendo que 14 arquivistas estão no território baiano e 5 arquivistas atuam no estado da Paraíba. Como também foram questionados sobre sua autodefinição (cor, raça, gênero e outras características). Foram obtidas respostas variadas sobre como esses sujeitos se reconhecem no mundo, desde traços vinculados a cor/raça, sendo que 6 arquivistas se autodeclararam como pessoas pardas; 5 pessoas negras; 2 brancas; 1 pessoa indígena; e 5 arquivistas não se declaram por sua cor ou raça. Ainda 3 arquivistas se declararam como heterossexual, cis; 4 se reconhecem como mulheres; 1 homem; e 2 respondentes se declararam como do gênero feminino. Vale destacar que entre os 19 respondentes, 4 arquivistas também se autodeclararam pelo seu território, como espaço de pertencimento, sendo que 3 se representam por sua região, pessoas nordestinas, e 1 arquivista se autodeclara como pessoa moradora da periferia. Esses 4 arquivistas foram os que ofereceram uma maior quantidade de marcadores sociais, o que se pode inferir a busca por uma auto reflexão

identitária e de seu reconhecimento enquanto ser sociocultural.

Ainda sobre respostas vinculadas à autodefinição, 3 respondentes indicaram aspectos relacionados a sua personalidade, a saber: dinâmica (1); confiante (1) e autônoma (1). Esses arquivistas se detiveram a uma representação baseada nesses traços de sua conduta no mundo. Pode-se inferir que seu modo de se relacionar com o outro e a busca por uma atuação nos espaços socioculturais os representam melhor do que outras características evidenciadas acima pelos participantes da pesquisa, ou seja, sua confiança, determinação e autonomia são características que essas pessoas buscam reconhecer em si.

Alinhadas a essas percepções sobre a atuação dos arquivistas nos espaços socioculturais, ficou perceptível a fragmentação de seus vestígios identitários, visto que uma mulher, negra, também pode ser nordestina e ter em sua característica a autonomia. Nesse exemplo, destaca-se a importância dos agentes mediadores realizarem uma auto leitura das múltiplas partes que compõem sua identidade, o que poderá favorecer o mesmo olhar integrador de todas as multiplicidades que os usuários possuem em seus traços identificadores no mundo. Portanto, as várias possibilidades dos agentes mediadores interferirem em um processo de busca e apropriação da informação, pode conduzir os usuários a um olhar atento sobre o coletivo e os espaços socioculturais que poderão atuar, de modo a alcançar o protagonismo cultural, como é defendido por Perrotti (2017), atentado-se a luta e o embate a favor da inclusão e justiça social.

A partir desse (re)conhecimento quanto aos traços identitários apresentados pelos arquivistas, como características que os autodefinem, também buscou-se investigar se a constituição identitária deles os motivam (ou motivaram) no desenvolvimento de alguma atividade no arquivo em que estão vinculados profissionalmente. Desse modo, 12 participantes responderam de maneira negativa, entre essas respostas, pode-se exemplificar com a fala do Respondente 12 que citou: *“Me motiva, mas não desenvolvi ou desenvolvo por causa das limitações internas (apoio, verba, falta de pessoal)”*. Esse comentário pode conduzir a reflexão de que apesar de alguns arquivistas perceberem a singularidade dos sujeitos que estão vinculados ao espaço que atuam e podem ser pessoas que possuem marcadores sociais que as representam, institucionalmente ainda não alcançaram apoio para a realização de atividades mediadoras que se buscasse refletir sobre as questões socioculturais, a fim de fortalecer os traços identitários desses sujeitos.

Ainda pode-se representar as respostas negativas pelo comentário produzido pelo

Respondente 16 que relatou: *“Não. O Arquivo em que atuo é administrativo, exige ferramentas gerenciais e técnicas que não perpassam pela questão identitária.”* Esse tipo de conduta atrela o arquivo como um dispositivo que se limita à perspectiva custodial. Reconhecendo a importância da preservação, organização e gerenciamento dos documentos, contudo, vale destacar que o arquivo é um dispositivo dialógico de apropriação das informações para tomada de decisões que impactam diretamente na vida dos sujeitos sociais, inclusive daqueles que estão vinculados e colaboram com a instituição. Assim, refletir sobre quem esses sujeitos são e a interferência deles no mundo é um ato imprescindível que deve ser realizado na ambiência de um dispositivo que se coloca em função de formar os sujeitos e proporcionar um crescimento que os apoiem em sua atuação no mundo, corroborando com as categorias de mediação da informação defendidas por Almeida Júnior (2015) que indica ser essa ação singular e plural, podendo entender que a mediação da informação alcança sua completude quando o agente mediador atua pelo viés integrador dos traços identitários que singulariza os usuários, mas também os reconhecem como pertencentes aos territórios, grupos e práticas socioculturais.

Quanto aos 6 respondentes que afirmaram de maneira positiva, sobre seu agir ser motivado por seus traços identitários, pode-se analisar o comentário da Respondente 8 *“Sim, pois pude participar de atividades que buscam estudar e compartilhar informações, no contexto da pesquisa sobre memória de povos quilombolas e pretos, além disso, documentos sobre atuação dos pretos, pretas no século XIX.”* Essa mulher preta que vem atuando de maneira consciente no arquivo, associando sua identidade e sua percepção de pertencimento no mundo, com a busca de evidenciar nos documentos arquivísticos ações que empoderam outras pessoas negras, vindica os espaços de memória desses sujeitos, portanto, atuando na perspectiva defendida Pollak (1992) que defende a memória como um elemento constituinte do sentido de identidade, de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Em conformidade com essa reflexão a Respondente 19 afirma *“Sim. Criar estratégias para facilitar o acesso aos acervos arquivísticos para grupos sociais dentro e fora da organização.”* Ao analisar essa resposta, percebe-se que essa arquivista mulher, preta, negra, moradora da periferia na Bahia, entende que os documentos arquivísticos, de caráter ostensivo, não se limitam a informar sujeitos que estão atrelados ao exercício administrativo de dada instituição, mas outros coletivos que formam a sociedade podem influenciar ou ser

alcançados pela interferência dessa instituição, portanto, ter acesso à informação produzida por ela é um direito de todos os sujeitos.

Na perspectiva de inclusão dos diferentes sujeitos formadores da sociedade, foi investigado se os arquivistas utilizam linguagens inclusivas em suas práticas mediadoras, a fim de melhor interagir com os usuários. Dos 19 arquivistas, 16 responderam positivamente e 3 não buscam utilizar uma linguagem que inclua/represente os diferentes sujeitos formadores da sociedade.

No atual contexto em que os diferentes sujeitos interagem por meio de códigos linguísticos próprios de seu coletivo; algumas dessas pessoas, a partir de suas diferentes vivências e formações acadêmicas, podem sentir-se inibidas em questionar o significado de um termo técnico; ou ainda os termos que descrevem um documento não serem representativo de um território. A busca por linguagens que favoreçam a comunicação com os diversos sujeitos é uma condição essencial para a efetividade da atividade mediadora da informação, seja essa uma ação direta ou indireta, segundo as categorias de mediação da informação defendidas por Almeida Júnior (2015). Assim, para além da utilização de um repertório teórico, obtido no processo de formação acadêmica, o arquivista precisa observar a singularidade dos sujeitos que integram a pluralidade do coletivo, e que buscam e necessitam se apropriar de informações, como processo de transformação que os possibilitam o alcance da liberdade.

Ao compreender que os dispositivos informacionais, como os documentos que integram o acervo dos arquivos, podem possuir vestígios de identidade de um povo, como também a ausência desses traços identitários podem ser indícios de um processo de silenciamento de dados grupos sociais, os participantes da pesquisa foram questionados sobre a existência de documentos que apresentam indícios de contextos e/ou de dinâmicas culturais dos usuários. Desse modo, dos 19 respondentes, 13 arquivistas identificaram nos documentos traços identitários dos usuários que podem auxiliá-los a compreender os espaços de resistência e luta que os diferentes povos formadores da sociedade vêm desenvolvendo durante o tempo histórico, como também o lugar desses sujeitos no processo de reparação social de grupos que ao longo da história foram silenciados e tiveram seus direitos negados, o que pode repercutir em seus remanescentes.

Por outro lado, também cabe aos 6 arquivistas que ainda podem não ter se atentado a esse processo de representatividade dos usuários nos documentos que integram o acervo

dos arquivos, de buscar identificar o contexto social da produção do documento, como também, o perfil desses sujeitos, para além do vínculo institucional que os caracterizam, mas qual sua raça, cor, território, crenças, entre outros marcadores sociais que tornaram sua vivência no mundo singular e que no acesso às informações podem ressignificar sua atuação no contexto sociocultural que integram, possibilitando-os a atuarem como protagonistas, tal como defende Perrotti (2017).

Atrelada a identificação dos diferentes sujeitos no contexto do arquivo, buscou-se também investigar se os respondentes reconheceram, no ambiente do arquivo em que atuam, usuários pertencentes aos grupos específicos ou organizações sociais, como, por exemplo, indígenas, quilombolas, moradores de comunidades periféricas, ativistas de ONG, anistiados políticos. Dessa maneira, 10 arquivistas afirmaram que identificaram usuários pertencentes aos diferentes grupos sociais e 9 responderam que ainda não identificaram essa singularidade que pode caracterizar a comunidade usuária. Dentre os arquivistas que responderam afirmativamente, destaca-se o comentário do Respondente 4 que percebeu no ambiente do arquivo a presença de usuários que integram diferentes comunidades indígenas, residentes do Sul da Bahia.

Ainda vale analisar a fala da Respondente 19 que afirma *“Sim. O desafio maior é estruturar os serviços arquivísticos, identificando as informações que compõem o acervo, para a partir daí, com a implementação de políticas de gestão da informação e documentos, ser possível mediar as informações e atender a necessidade informacional dos usuários.”* Esse comentário pode relacionar-se a necessidade de uma integração das atividades mediadoras da informação, em que na política arquivística possa evidenciar a necessidade de se identificar as nuances culturais do perfil dos usuários, como também de traços identitários dos diferentes grupos sociais produtores dos documentos. A mediação da informação integra-se às atividades de mediação cultural, a fim de transparecer os diferentes traços identitários dos coletivos, que respaldam a recepção da busca pelos usuários que pode ir além da necessidade imediata que gerou a demanda de ir ao arquivo, oferecendo a esses usuários a oportunidade de conhecerem sobre questões identitárias e memorialísticas que os constituem, favorecendo o alcance das estratégias indicadas por Santos e Sousa (2022), por meio das atividades mediadoras, em que as vozes invisibilizadas podem alcançar ressonância.

Atrelada a busca por desenvolver atividades mediadoras que atendam as singularidades dos usuários, atentando aos traços identitários deles, 16 arquivistas afirmaram

não realizar tais atividades mediadoras e 3 arquivistas desenvolvem ações que consideram os aspectos socioculturais do coletivo em que o usuário integra. Associando esse dado ao resultado anterior, em que foi evidenciada a relevância dos 10 arquivistas que responderam positivamente para a identificação dos traços identitários dos usuários que integram o arquivo, ratifica-se a constatação da necessidade de desenvolver atividades de mediação da informação e mediação cultural que favoreçam aos sujeitos se sentirem representados no arquivo. Assim, os arquivistas não devem limitar-se na identificação do perfil que caracteriza de maneira abstrata esse usuário, mas identificar necessidades implícitas que demarcam os traços identitários e vivências desses sujeitos, visando realizar ações efetivas que apoiem as práticas e ressignificação da vida desses usuários.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O reconhecimento identitário é um ato em que os sujeitos buscam a compreensão sobre si e o outro em um processo de adentramento crítico nas entrelinhas, que por vezes são subliminares e tornaram-nas invisibilizadas. A partir da trajetória investigativa, constatou-se que parte dos arquivistas que participaram desta pesquisa vêm buscando realizar ações mediadoras pautadas em favorecer que os usuários fortaleçam seus traços identitários ao se sentirem representados em determinados itens documentais. Assim, os resultados evidenciaram a necessidade de ampliar a reflexão por parte dos arquivistas sobre a realização de ações mediadoras que subsidiem a evocação de seus traços identitários, como também dos demais sujeitos - usuários e produtores dos documentos - a fim de desenvolver e fortalecer a constituição identitária de si e do outro, em um ato de associação e entendimento das interferências no mundo.

Alguns arquivistas também indicaram que em seu exercício profissional foi possível identificar a presença de sujeitos pertencentes a grupos sociais diversos, como, por exemplo, indígenas e quilombolas, na ambiência do arquivo. Ao pautar-se por uma perspectiva humanizadora, esses, como os demais arquivistas, podem planejar e realizar ações mediadoras que apresentem opções para os diferentes sujeitos, em um ato que esses possam libertar-se das ações e narrativas que os mantém operando na mecanicidade ditada pelo sistema e alheios ao processo de reflexão e conscientização de sua força de transformar a si e sua coletividade.

A partir dos resultados alcançados, pode-se afirmar a relevância dos mediadores da informação refletirem sobre os discursos, como também agirem para que os demais sujeitos realizem esse ato, de modo que muitas vezes replicados por eles, os impedem de perceber e construir outros modos de vida. Ao atuarem com base na informação, arquivistas e usuários são demandados a realizar uma leitura crítica de sua realidade, de modo a (re)conhecerem aspectos implícitos e operarem em um processo de conscientização sobre a atuação e a relação no mundo.

A apropriação das informações culturais, o (re)conhecimento das lutas de suas ancestralidades, como também a leitura da complexidade das demandas e impulsionadores de mudanças nos territórios que ocupam e das práticas culturais que realizam, só serão efetivas se desenvolvidas de maneira integradas – informação, leitura e cultura - a fim dos sujeitos alcançarem o protagonismo na construção de suas histórias e do coletivo que integram. Quando os arquivistas e demais agentes mediadores percebem que compõem uma coletividade e com essa agem a favor da transformação e do alcance dos direitos humanos, de ser um sujeito pleno no mundo e ter liberdade de escolhas para seu presente e futuro, esses agentes mediadores podem perceber que a mediação da informação só se efetiva pautada na constituição de identidades, incluindo a sua e dos demais sujeitos, realizando uma leitura crítica sobre os aspectos culturais, que permeiam a produção de dispositivos e discursos e que nortearão o seu agir.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O Arquivista na sociedade contemporânea**. [2006]. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/texto01.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DUCHEIN, Michel. O papel da arquivologia na sociedade de hoje. **Arquivo & Administração**, v. 6, n. 3, 1978. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/21397>. Acesso em: 18 abr. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

LIMA, Celly de Brito; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161-180, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60862>. Acesso em: 18 abr. 2023.

PERROTTI, Edmir. Mediação cultural: alguns procedimentos. *In*: SALCEDO, Diego Andres. **Mediação Cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 252.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e Protagonismo Social**, Salvador: EDUFBA, 2017. v. 1. cap. 2.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de. Arquivo, biblioteca e museu como dispositivos de mediação da informação e de reconhecimento dos traços identitários e memorialísticos dos usuários. *In*: SILVA, Andreia Sousa da; MARTENDAL, Fernanda Frasson. (org.) **A perspectiva social nos estudos de usuários em arquivos, bibliotecas e museus: teoria e prática**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. Disponível em: [https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a\\_8237edeca06f4f53b92c0c8e0fe5005f.pdf](https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_8237edeca06f4f53b92c0c8e0fe5005f.pdf) Acesso em: 18 abr. 2023.

SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de. Práticas mediadoras nas narrativas de Ivo Tavares: representatividade e ressignificação identitária da periferia de Salvador. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxii/enancib/paper/view/722> Acesso em: 20 jun. 2023.